

As canalhas, série do GNT, aposta na transgressão feminina

O Globo/RJ - sex, 03 de maio de 2013 **Página/Seção:** Segundo Caderno **Assunto:** Audiovisual

RIO - Freiras com cara de santa, mães em primeira gestação, donas de casa submissas a fogões. Por trás da aparente docilidade de cada uma há um lado oculto — ora violento, ora sensual, mas sempre perigoso —, pronto para explodir a cada um dos 13 episódios de “As canalhas”, a nova série do GNT. Seu foco: a porção mais cruel da mulher brasileira.

No ar sempre às segundas-feiras, às 23h, a partir do dia 6, a produção tem direção-geral de Anna Muylaert, cineasta premiada por “É proibido fumar” (2009) e “Durval Discos” (2002). Com base no livro “Canalha, substantivo feminino”, de Martha Mendonça, o seriado (re)inventa uma mulher por capítulo. “Amélia” é o primeiro, com Mônica Martelli no papel de uma quarentona empenhada em devorar o namorado de sua filha.

— A questão aqui é o que as mulheres pensam mas não assumem. Investimos numa tendência contrária à obviedade do politicamente correto. E, para isso, a liberdade da TV a cabo favorece um tipo de linguagem que não seja língua corrente da TV, só de planos e contraplanos. Aqui o ator está solto para criar — diz Anna, que foi convidada à tarefa pela produtora Iafa Britz, do blockbuster “Nosso Lar” (2010).

Lei do Cabo

Com orçamento de R\$ 2,6 milhões, “As canalhas” foi o primeiro seriado aprovado pelo Fundo Setorial do Audiovisual em meio à entrada em vigor da lei 12.485. Conhecida como Lei do Cabo, ela obriga as operadoras de TV por assinatura a veicular, em sua primeira fase, uma hora e dez minutos por semana de conteúdo independente nacional em horário nobre. A base do projeto era o fomento de uma nova teledramaturgia nacional, sem as amarras da cartilha dos folhetins idealizada nos anos 1950. Por isso, em vez de heroínas românticas ou mocinhas indefesas, Anna leva à telinha tipos como a cabeleireira Marylin (vivida por Zezeh Barbosa no episódio de 23 de julho), capaz de atos homofóbicos para ludibriar seu amigo gay.

— Várias gerações no Brasil foram criadas sob a noção de que cinema é maior diversão e TV é arroz com feijão. Mas, depois de “Avenida Brasil”, não há como não se render à excelência de um esforço criador autoral na TV brasileira. E é isso que essa nova lei abriu para as produtoras. Diante da concorrência com produtos estrangeiros primorosos, como “Mad men” e “The walking dead”, a nova onda de séries no país parte da qualidade e da transgressão para se impor — diz Iafa, que produziu projetos televisivos como “220 volts” (2011) e “O fantástico mundo de Gregório” (2012).

Produtora de um dos longas mais esperados do ano, “Minha mãe é uma peça”, com Paulo Gustavo, previsto para 21 de junho, Iafa acompanhou o GLOBO na filmagem do episódio “Mariana”, com Mel Lisboa. Agendado para 26 de junho, ele traz a atriz como uma ex-gordinha que reencontra uma

antiga colega de colégio — não por acaso, a menina mais bonita da escola, hoje com uns quilos a mais.

— É uma vingança de meninas — diz Mel ao definir a personagem, numa série que evita paradigmas de bom-mocismo. — Na TV, qualquer quebra de regra é estranha. Outro dia li que os produtores de “Seinfeld” queriam mudanças na série, porque era diferente demais. Mas o Larry David (produtor e coautor) não mudou. Virou o sucesso que até hoje a gente curte.

Em “As canalhas”, episódios como “Carolina” (previsto para o dia 13), no qual Alessandra Colasanti inventa uma depressão pós-parto, ou “Gislene” (dia 20), no qual Sílvia Lourenço explora um velhinho, tiveram como modelo o cinema de Woody Allen.

— Fiz a equipe ver “Você vai conhecer o homem dos seus sonhos” e muito Woody Allen para entender como, a partir da palavra, pode-se fazer uma história dinâmica. Para a trilha sonora, nossa referência foi “Vicky Cristina Barcelona”, pois eu queria algo espanholado, com energia, e um espírito canalha — diz Anna, que, além de ter adaptado os textos e arquitetado a estética da série, dividiu a direção com Pedro Freire e Lamartine Ferreira.

Para o fim ficam episódios como “Angélica” (8 de julho), no qual a noviça Carla Marins pratica bullying em um colégio católico, e “Dolores”, no qual o ronco de Stepan Necessian leva sua mulher (Bete Dorgam) a um plano de assassinato. Finalizando a produção de “As canalhas”, Anna diz ter encontrado na prosa de Martha Mendonça um espírito de liberdade no retrato do cotidiano feminino.

— Além de fugir do padrão televisivo, esse projeto traz um conteúdo fora da lei — diz Anna, que já batalha novo longa, “Que horas ela volta?”, com Regina Casé em vista.